

# A Verdadeira Reencarnação

*“Todas as leis da natureza são leis divinas, pois que Deus é o seu autor. Abrangem tanto as leis físicas como as leis morais.”  
(Allan Kardec)*

Lemos o artigo que leva o título de “A Verdadeira Reencarnação”, que foi elaborado pelo Clélio Pedrosa, e compilado pelo CACP e publicado neste mesmo site, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/a-verdadeira-reencarnacao/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra-argumentação.

Percebemos que o autor do referido texto tentou abalizar a sua pesquisa nos moldes da Codificação Espírita, mais precisamente na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, sendo que em sua conclusão nos traz um trecho da obra *Cristianismo e Espiritismo*, cuja autoria é de Léon Denis, ao qual iremos analisar e dar a nossa resposta. Antes, porém, vamos ao texto compilado pelo CACP destacado, logo em seguida, virão nossos comentários. Vejamos:

A reencarnação com base na pluralidade das existências, ou seja, sucessivas vidas pós morte, em outros corpos, tanto na Terra como em outros mundos, é um dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita Kardecista. Kardec defende essa teoria embasada nos supostos ensinamentos que ele afirma ter recebido dos (segundo ele cria) Espíritos de Luz. Resultantemente, Alan Kardec compreendia e ensinava, naquela época, (anos 1860) segundo seu livro, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, (capítulo 1 parágrafo 5) que:

**“O Espiritismo é a nova Ciência que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo material.”**

Devemos corrigir o Clélio que entabulou como um dos princípios que fundamenta a Doutrina Espírita a reencarnação, mas antes entendemos que os fundamentos do Espiritismo se encontram pautados na filosofia, ciência e moral, ao qual a reencarnação está inserida neste contexto. Outro ponto que devemos observar é o fato de se limitar a Espírita Kardecista, o que o estudo contínuo nos demonstra que não existem espiritismos, mas somente o Espiritismo codificado por Allan Kardec, e não “Alan Kardec”, e as demais crenças Espiritualistas que também respeitamos, mas que o Clélio desconhecia e transmitiu aos seus leitores uma ideia errônea. Iremos agora ao item 5 ao qual iremos citá-lo integralmente, a fim de que possamos perceber o real pensamento exarado na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Vejamos:

**5. O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo.** Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje

incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. E a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil. (KARDEC, 1996, p. 56-57, grifo nosso)

A parte que destacamos foi justamente a que o autor Clélio, em sua crítica citou, mas resolvemos demonstrá-la, sem cortes para que os leitores possam fazer juízo quanto ao que Kardec nos asseverou acerca da revelação Espírita e o seu caráter estar de acordo com a promessa do mestre Jesus, que ao seu tempo não podia nos revelar (Jo 16,12), por ainda estarmos a quem do progresso necessário para perscrutarmos o que o Espiritismo vem em época oportuna nos descortinar o véu do entendimento, retirando qualquer sombra de fenômenos miraculosos, percebendo que toda a lei divina rege os acontecimentos materiais e espirituais que nos rodeiam, estarem umbilicalmente ligados.

Outro fato importante é que a reencarnação é um dos processos que interligam os fatos espirituais aos materiais, não sendo somente este ponto abordado por Kardec na codificação espírita, mas também as dez leis morais que estão registradas na obra *O Livro dos Espíritos* e que sabemos se tratarem das leis morais, sendo elas: Lei divina ou natural, Lei de adoração, Lei do trabalho, Lei de reprodução, Lei de conservação, Lei de destruição, Lei de sociedade, Lei de progresso, Lei de igualdade, Lei de liberdade, Lei de justiça, amor e caridade e a Perfeição moral, constantes na parte terceira desta obra. Entendemos, através do estudo contínuo da Codificação Espírita, que essas leis regem o plano espiritual em convergência com o plano material, não sendo apenas a reencarnação o mecanismo regulador do que o Espiritismo propõe em sua Codificação, como de forma errônea o Clélio transmitiu em sua crítica. Passemos ao ponto seguinte.

Para Kardec, Deus se revelou aos homens de três maneiras diferentes, primeiro em Moisés, depois em Cristo, e finalmente a partir dos anos 1860 em diante, pelo Espiritismo o Consolador prometido por Jesus Cristo. (capítulo 1 parag. 6)  
**“A Lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés; e a do Novo Testamento no Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus. Mas não está personificado em ninguém, porque ele é o produto do ensinamento, dado não por homem, mas pelos Espíritos que são as vozes do céu, em todas as partes da Terra e por inumerável multidão de intermediário.”** (capítulo 1 parag. 6)

Neste ponto o autor Clélio não está equivocado não, pois Deus nos trouxe as suas revelações pautadas em Moisés, que combateu o politeísmo egípcio e hebreu-cananeu de sua época, asseverando a Deus como único, marcando assim a primeira civilização a adotar o monoteísmo. Continuou a sua revelação personificada no messias, Jesus que deu cumprimento as profecias que faziam referência a sua vinda e complementou a lei, tal como expressa no Tanah. Enfim, no século XIX complementou sua revelação através do Espiritismo, como prometido por Jesus (Jo 16,12). Iremos citar, apenas para título de complemento todo o item 6 da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* que o Clélio trouxe somente uma parte. Vejamos:

**6. A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento tem-na no Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos, que são as vozes do Céu, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários. É, de certa maneira, um ser coletivo,**

formado pelo conjunto dos seres do mundo espiritual, cada um dos quais traz o tributo de suas luzes aos homens, para lhes tornar conhecido esse mundo e a sorte que os espera.

7. Assim como o Cristo disse: "Não vim destruir a lei, porém cumpri-la", também o Espiritismo diz: "Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução." Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra. (KARDEC, 1996, p. 57, grifo nosso)

A parte destacada por nós retrata o que o Clélio nos trouxe, mas com a parte conclusiva ao item que nos apresenta o complemento da revelação espírita outorgada pelos espíritos que formam um corpo de ideias inatas a cada individualidade, formando assim o conjunto da obra registrada na Codificação Espírita. Com isso, prossigamos na análise do texto do Clélio. Vejamos:

Segundo Kardec, Ciência e Religião têm que caminhar juntas para se chegar à conclusão dos elementos espirituais existentes na natureza humana. Para isso, o Espiritismo veio como solução divina em substituição aos incompreensíveis ensinamentos do Cristo.

**“A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana. Uma revela as leis do mundo material, e a outra as leis do mundo moral. Mas aquela e estas leis, tendo um mesmo princípio que é Deus, não podem contradizer-se...São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo devem receber seu complemento; em que o véu lançado intencionalmente sobre algumas partes dos ensinamentos deve ser levantado”.**(capítulo1 parag. 8)

Por mais uma vez o Clélio está correto, pois como Kardec bem fundamentou, não poderá haver verdades que divirjam, segundo o mesmo pensamento de Jerônimo (347-420) que foi tradutor da bíblia hebraica e grega para o latim, como a obra mais conhecida como Vulgata Latina, sendo neste caso a religião e a ciência como verdades emanadas de Deus e que deveriam convergir em seus postulados, morais e materiais respectivamente. Com isso, vamos a citação completa onde o Clélio se valeu para chegar a sua conclusão, sem cortes. Vejamos:

### **Aliança da Ciência e da Religião**

**8. A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se.** Se fossem a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de ideias provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.

**São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado;** em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso. Então, não mais desmentida pela Ciência, a

Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor a irresistível lógica dos fatos.

A Ciência e a Religião não puderam, até hoje, entender-se, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repeliam. Faltava com que encher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o Universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez comprovadas pela experiência essas relações, nova luz se fez: a fé dirigiu-se à razão; esta nada encontrou de ilógico na fé: vencido foi o materialismo. Mas, nisso, como em tudo, há pessoas que ficam atrás, até serem arrastadas pelo movimento geral, que as esmaga, se tentam resistir-lhe, em vez de o acompanharem. E toda uma revolução que neste momento se opera e trabalha os espíritos. Após uma elaboração que durou mais de dezoito séculos, chega ela à sua plena realização e vai marcar uma nova era na vida da Humanidade. Fáceis são de prever as consequências: acarretará para as relações sociais inevitáveis modificações, às quais ninguém terá força para se opor, porque elas estão nos desígnios de Deus e derivam da lei do progresso, que é lei de Deus. (KARDEC, 1996, p. 57-59, grifo nosso)

Toda a análise de Kardec quanto a seu discurso sobre a ciência e a religião, mas especificamente a moral, neste último caso, por si só se tornam suficientes com nosso estudo contínuo da Codificação Espírita, complementando a compreensão que o Clélio tentou passar aos seus leitores. Neste aspecto, não temos o que corrigir o Clélio, e sim complementar o que disse. Passemos, porquanto ao ponto seguinte.

Um dos principais objetivos kardecista é o estabelecer certos pontos de vista espíritas e convertendo-os em verdades somente reconhecidas pelo Espiritismo. Entre estas está a teoria de que o Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus Cristo, quando em vida, e só revelado nos anos 1860 em diante, por motivo de, no tempo de Jesus Cristo os homens não tinham capacidade de absorver tais ensinamentos, por isso, Jesus falava por parábolas.

**“O Espiritismo vem, no tempo assinalado cumprir a promessa do Cristo. O Espírito da Verdade preside o seu estabelecimento. Ele chama os homens a observância da lei; ensina todas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo só disse em parábolas...Assim realiza o Espiritismo o Consolador prometido: Conhecimento das coisas, que faz o homem saber de onde vem e para onde vai e porque está na Terra”. ( capítulo 6 parag.4)**

O Clélio, ao citar esta passagem fragmentada da Codificação Espírita, mais precisamente sobre trechos da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, até leva seus leitores, público alvo de seu texto, a pensarem que não há um elo de ligação no que profetizou Jesus e o cumprimento com o advento do Espiritismo. Com este objetivo é que lançaremos mão de todo o trecho onde ele retirou essas frases de Kardec para aprofundarmos no tema. Vejamos:

#### **Consolador prometido**

**3. Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: - O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. - Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito. (S. JOÃO, cap. XIV, vv. 15 a 17 e 26.)**

4. Jesus promete outro consolador: o *Espírito de Verdade*, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para relembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem relembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido.

**O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas.** Advertiu o Cristo: "Ouçam os que têm ouvidos para ouvir." O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porquanto fala sem figuras, nem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

Disse o Cristo: "Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados." Mas, como há de alguém sentir-se ditoso por sofrer, se não sabe por que sofre? O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crises salutares que produzem a cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe que este lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o obreiro aceita o trabalho que lhe assegurará o salário. O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro e a dúvida pungente não mais se lhe apossa da alma. Dando-lhe a ver do alto as coisas, a importância das vicissitudes terrenas some-se no vasto e esplêndido horizonte que ele o faz descortinar, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até ao termo do caminho.

**Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra;** atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança. (KARDEC, 1996, p. 128-129, grifo nosso)

A parte do texto da Codificação que fizemos questão de destacar, com exceção da passagem bíblica do Evangelho de João, retrata a citação do Clélio, mas que por uma omissão, na Codificação, de todo o conteúdo referente ao tema que estamos analisando, prejudicou a sua análise um tanto quanto parcial do Clélio. O que está elencado é a passagem no Evangelho de João, onde registra diversas promessas de Jesus quanto ao advento do Consolador Prometido, já que não estavam preparados a humanidade para recebê-lo naquela época, por não o suportarem, segundo o que o Mestre mesmo disse e pontuou Kardec. Tudo o quanto Jesus gostaria de ter dito, mas que não pudera ao seu tempo, quando veio o Espiritismo, logo se fez cumprir a promessa de Jesus. Tudo o que o Mestre havia ensinado, onde até mesmo esquecido por muitos e deturpado por outros pela incompreensão, logo foi esclarecido como um véu levantado nos mistérios que outrora não foram revelados, bem como corrigidos muitos pontos divergentes do pensamento do Cristo ao longo dos séculos. Este é o pensamento de Kardec, consubstanciado na promessa de Jesus. Passemos, porquanto ao ponto seguinte.

O livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* ensina que a ressurreição deve ser vista biblicamente como coisa impossível e expressão equivocada para a realidade do fato. Defende tenazmente, que: A reencarnação, de forma bíblica, sempre foi um fato real, o povo judeu é que não compreendia o sentido expressivo da palavra, o qual se tornou claro com a chegada do Espiritismo como o Consolador a partir do século XIX.

**“As idéias dos judeus sobre essa questão, é como sobre muitas outras, e não estavam claramente definidas, porque só tinham noções vagas e**

**incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo. Eles acreditavam que o homem podia reviver, sem terem a idéia precisa da maneira porque isso se daria, e divulgavam pela palavra ressurreição o que o Espiritismo chama mais justamente de reencarnação. Com efeito, a ressurreição supõe o retorno à vida ao próprio cadáver, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobre tudo quando os elementos deste corpo já estão a muito tempo dispersos e consumidos. A reencarnação é a volta da alma ou Espírito, a vida corpórea mas num outro corpo novamente constituído, e que nada tem haver com o antigo”. ( capítulo 4 parag.4)**

A partir deste enfoque, o Clélio nos apresenta um conceito judaico, à época de Jesus, na crença da reencarnação nos moldes de ressurreição dos mortos, vindo a regressarem à vida, personagens do Antigo Testamento. Há a citação, inclusive da Codificação, mais precisamente na obra que ele está analisando do *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, onde tece alguns comentários sobre o tema que julgamos necessário a citação do tópico em lide por completo, visando facilitar logo em seguida as nossas análises. Vejamos:

#### **Ressurreição e reencarnação**

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. **As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo.** A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, porém, não *ressuscitado*. (KARDEC, 1996, p. 84, grifo nosso).

Para que os leitores do público alvo a que o Clélio buscou esclarecer, faltou a citação completa que fizemos a questão de trazê-la da Codificação, mas percebemos que será necessária explorarmos algumas passagens que remetem a ressurreição dos mortos, suscitando o retorno de profetas à vida, onde sabemos que eles já não vivem mais, e que no tempo de Jesus foi tema de debate entre os apóstolos e o Mestre. Para tanto, recorreremos ao nosso estudo “[A Torá e a Reencarnação](#)”, onde desenvolvemos somente sobre o prisma do entendimento judaico do retorno à vida por profetas e pessoas comuns, em novos corpos distintamente formados, dentro do judaísmo e que o autor da obra parece não ter em sua biblioteca a Torá e nem muito menos obras que retratam da reencarnação nos moldes judaicos.

Em relação à crença dos judeus na reencarnação não ser unânime, tal como os saduceus que não acreditavam e os fariseus que a melhor compreendiam na época de Jesus, tal como a ressurreição dos mortos para voltarem a viver, sem nos furtar de que acreditavam na ressurreição no fim dos dias, como uma ressurreição espiritual, sendo esta concepção negada pelos mesmos saduceus; percebemos que os fariseus e escribas é que tinham a crença na ressurreição dos mortos, como que poderiam retornar à vida, fato este que não era crível por parte dos saduceus, como já frisamos. É importante citar, de antemão as passagens abaixo que nos trazem a forma de como os Judeus entendiam a volta da essência (ruach) à vida corpórea, ou um novo ser (nefesh).

Mt 16,13-17: Jesus tendo vindo para os lados de Cesareia de Felipes, interrogou seus discípulos e lhes disse: que dizem os homens quanto ao filho do homem? **Quem dizem que eu sou? Eles lhe responderam: Alguns dizem que sois João Batista, outros Elias, outros Jeremias ou alguns dos profetas.** Jesus lhes disse: E vós outros, quem dizíeis que eu sou? Simão Pedro, tomando a palavra, lhe disse: Vós sois o Cristo, o Filho de Deus vivo. Jesus lhe respondeu: Sois bem aventurado, Simão, filho de Jonas, porque não foi a nem a carne nem o sangue que vos revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus.

Esta passagem também se encontra registrada em Mc 8,27-33 com uma diferença de narrativa que em Marcos, não há a menção de que Jesus poderia ser o profeta Jeremias e Pedro é repreendido por Jesus, já em Mateus, há a menção de que Jesus poderia ser Jeremias e Pedro é enaltecido por Jesus, mas não será este o objetivo de nossa abordagem. É importante ficar claro que por esta narrativa fica evidente que a reencarnação fazia parte dos dogmas do Judaísmo, porém, com o nome de ressurreição, levando-se em conta esta afirmativa dos apóstolos, depois da pergunta de Jesus, de que **Alguns dizem que sois João Batista, outros Elias, outros Jeremias ou alguns dos profetas.**

Vê-se claramente que eles criam que os que haviam morrido podiam voltar a viver, mas essa ideia era um tanto quanto vaga e não estava claramente definida para eles, que não compreendiam como a alma se ligava ao corpo e voltava a viver, chamando e entendendo este processo como ressurreição de alguém que houvera morrido e que poderia animar outro corpo. Há também a ideia da ressurreição com o espírito animando o mesmo corpo já absorvido pela natureza. Contudo, a Doutrina Espírita mais judiciosamente nos esclarece como reencarnação a primeira ideia, e quanto à segunda diz de sua impossibilidade científica.

Com efeito, a ressurreição fazia menção, ou até mesmo supunha que voltava a vida o corpo que morreu, entretanto vemos que pelos fatos científicos, ficaria algo que improvável de se ocorrer, já que os demais compostos químicos e orgânicos decompostos seriam absorvidos pelo meio ambiente; não havendo desta maneira como recompor o mesmo corpo físico, cujos elementos físico-químicos já haviam sido dispersos e que há muito foram absorvidos pelo meio naturalmente.

Na verdade, os que, àquela época, viam como ressuscitados passaram por uma EQM – experiência quase morte, portanto uma morte “aparente”, fato hoje defendido por muitos cientistas, embora existam os negadores sistemáticos, é claro!

A reencarnação é o retorno da alma, ou Espírito, à vida corporal, mas em outro corpo gerando por um processo normal de fecundação do gameta masculino e feminino, que, desta maneira não traz a forma do corpo físico animado na encarnação passada, senão a personalidade que permanece, porém, com a dádiva do esquecimento do passado. A palavra ressurreição pode ser entendida como para Lázaro (Jo 11,43) que por um processo natural de catalepsia, letargia, ou até o Estado de Quase Morte (EQM) que a ciência nos traz mais recentemente, “ressurgiu” e voltou a viver. Com isso, prossegue a narrativa abaixo:

Mc 6,14-15: Entretanto Herodes, o Tetrarca, ouvindo tudo o que Jesus fazia, seu espírito estava suspenso – **porque uns diziam que João ressuscitara de entre os mortos, outros que Elias apareceu, e outros que um dos antigos profetas ressuscitara.** – Então, Herodes disse: Eu fiz cortar a cabeça a João, mas quem é este de quem ouvi falar tão grandes coisas? E ele tinha vontade de o ver.

Os apóstolos se dirigiram ao Mestre Jesus, dizendo que **Alguns dizem que sois João Batista.** Importante essa afirmativa, pois demonstra que, para algumas pessoas, Jesus poderia ser João Batista. Entretanto, Jesus não poderia ser João Batista, porquanto foram contemporâneos, conhecia-se a infância e vida de João Batista e de Jesus, inclusive, puderam estar junto em certas ocasiões, o que nos leva concluir não haver a mínima possibilidade de João ser Jesus. Isto vem a corroborar o que dizemos anteriormente de como que a visão do retorno à vida não era muito bem definida naquela época, já que para os Judeus a reencarnação era um processo não muito claro, vindo a nos afirmar que João Batista era Elias reencarnado, admitia-se que o espírito de Elias, ou seja, a essência (ruach) habitava um novo ser que era João Batista. Destarte, João só poderia vir a ser Elias reencarnado.

Aqui fica claro que a palavra ressuscitar também se aplicava a ideia da reencarnação, já que Jesus, segundo julgavam, poderia ser “um dos antigos profetas que ressuscitara”. Na narrativa de Lucas, comprova o que estamos demonstrando. Vejamos:

Lc 9,18-19: E aconteceu que, estando ele só, orando, estavam com ele os discípulos; e perguntou-lhes, dizendo: Quem diz a multidão que eu sou? E, respondendo eles, disseram: João o Batista; outros, Elias, e outros que **um dos antigos profetas ressuscitou.**

A outra afirmativa dos apóstolos, a respeito de quem era Jesus é que **outros** diziam ser **Elias**. Esta outra afirmativa é ainda mais importante, já que os profetas Isaías e Malaquias previram o retorno do profeta Elias e os Fariseus e Escribas sabiam dessas profecias e as ensinavam a todos os demais Judeus.

Contudo, Jesus não poderia ser Elias, já que o profeta Elias apenas viria preparar o caminho do Messias (Ml 3,1), mas não seria o Messias, uma vez que, como João Batista era o precursor de Jesus e não o próprio Messias. Ademais, era de João Batista que as profecias anunciavam como sendo o Elias que prepararia o caminho do Messias (Mt 11,10; Jo 3,28).

Contudo, os demais apóstolos assim continuavam sobre quem seria a essência (ruach) de Jesus, onde **outros** diziam ser **Jeremias ou alguns dos profetas**. Esta última afirmativa dos apóstolos nos indica ainda mais um profeta, que é Jeremias, porém, não somente ele, mas também alguns dos profetas.

Ou seja, desta maneira que os Judeus encaravam o retorno da essência (ruach) à vida corpórea, ou um novo ser (nefesh), mas que a Doutrina Espírita, mais judiciosamente postulou seu princípio científico, como reencarnação. Finalizando a passagem, assim Pedro desfecha que Jesus: **Vós sois o Cristo, o Filho de Deus vivo**, marcando a confirmação de que Jesus era o Messias que fora prometido não somente aos Judeus, mas a toda a humanidade.

Diante de nossa definição da ressurreição dos mortos que o judaísmo tinha como conceito, tal como estamos pesquisando sobre o pensamento do primeiro século da era cristã, definimos da seguinte forma os diversos conceitos judaicos para a ressurreição dos mortos.

- a) Ressurreição dos mortos de um ser que viveu e ressurgiu ainda em sua atual existência, tal como ocorreu com Lázaro, à filha de Jairo e o filho da viúva de Naim. (Jo 11,1-45; Mc 5-22-43; Lc 8,41-56);
- b) Ressurreição como algum profeta pudesse voltar à vida, porém num outro corpo formado, tal como ocorreu nas narrativas comentadas. (Mt 16,13-17; Mc 6,14-15);
- c) Ressurreição no fim dos dias, para o Mundo Vindouro (*Haolam Habá*), tal como defendido por Paulo, que acreditava que viveria em sua época (1Co 15,1-58).

Como pudemos perceber, o que Kardec disse e o que exemplificamos se trata comumente da ressurreição dos mortos nos moldes judaicos que preveem o retorno de profetas à vida e que o Clélio não veio a transmitir aos seus leitores, mas que julgamos oportuno trazer um pequeno trecho de nosso texto para esclarecimento do seu público. Não entraremos na análise das passagens de Ex 20,5-6; 34,6-7 que julgamos não ser necessária a citação da Torá, uma vez que o fizemos em minúcias no texto já apresentado. Para àqueles que sentirem a necessidade de aprofundamento, recomendamos o estudo "[A Torá e a Reencarnação](#)". Com isso, passemos à diante nas análises do Clélio.

A ressurreição de Lázaro, por exemplo, é negada pelo Espiritismo como um fato real. Afirma os ensinamentos de Kardec no livro: A Gênese de Allan Kardec, que Lázaro não morreu, apenas sofreu um ataque letárgico, ou seja, um ele sofreu um choque epiléptico.

**“A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, de nenhum modo infirma este princípio. Ele estava, dizem, havia quatro dias no sepulcro; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que já cheirava mal, o que é sinal de decomposição. Esta alegação também nada prova, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, havendo em tal caso cheiro de podridão”.**  
(cap. XV parag. 40)

Já neste ponto, o Clélio tenta transmitir a ideia de que a ressurreição apregoada pelo Espiritismo, em sua análise nos registros bíblicos, o nega de alguma forma, mas Kardec apenas diz ser impossível o espírito voltar a se ligar ao corpo já morto, o que de fato é a verdade, tal como o Célio citou a obra *A Gênese* que iremos trazê-la sem cortes. Antes, porém, percebemos que na citação anterior Kardec foi bem judicioso com o termo reencarnação e ressurreição, tanto que deu o exemplo de Lázaro, ao qual o Clélio não percebeu em uma leitura apressada do texto que citamos anteriormente. Vejamos a obra *A Gênese*:

**40. - A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, de nenhum modo infirma este princípio. Ele estava, dizem, havia quatro dias no sepulcro; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que já cheirava mal, o que é sinal de decomposição. Esta alegação também nada prova, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, havendo em tal caso cheiro de podridão.** A morte só se verifica quando são atacados os órgãos essenciais à vida.

E quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas, como o sabia ela? Por haver já quatro dias que Lázaro fora enterrado, ela o supunha; nenhuma certeza, entretanto, podia ter. (Cap. XIV, nº 29.) <sup>(1)</sup>

---

(1) O fato seguinte prova que a decomposição precede algumas vezes a morte. No Convento do Bom Pastor, fundado em Toulon, pelo padre Marin, capelão dos cárceres, e destinado às decaídas que se arrependem, encontrava-se uma rapariga que suportara os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. Em meio de suas dores parecia sorrir para uma visão celestial. Como Santa Teresa, pedia lhe fosse dado sofrer mais, embora suas carnes já se achassem em frangalhos, com a gangrena a lhe devastar todos os membros. Por sábia providência, os médicos tinham recomendado que fizessem a inumação do corpo, logo após o trespassar. Coisa singular! Mal a doente exalou o último suspiro, cessou todo o trabalho de decomposição; desapareceram as exalações cadaverosas, de sorte que durante 36 horas pôde o corpo ficar exposto às preces e à veneração da comunidade. (KARDEC, 1995, p. 334, grifo nosso)

O que foi suprimido pelo Clélio em sua citação é deveras importante frisamos, tal como Kardec até exemplificou em nota com um exemplo ocorrido em sua época de um caso de letargia, catalepsia, ou ainda a EQM (Experiência Quase Morte), vimos se tratar da morte definitiva, apenas quando esta ataca aos órgãos vitais do corpo humano. O que temos que corrigir ao Clélio, talvez por uma certa desinformação, que um processo letárgico difere em todos os sentidos de um ataque epilético sugerido por ele que a Codificação expressou, mas que por um descuido, não percebeu que Kardec não aborda de forma similar tais conceitos por ele trazidos.

Nos moldes bíblicos, neste caso, o Clélio esqueceu de analisar que aos homens está ordenado morrerem uma única vez na tão propalada passagem de (Hb 9,27), que protestantes se utilizam para negar a reencarnação, mas que ao examinarmos neste contexto que estamos refletindo, de ressurreição dos mortos, depõe contra o próprio texto do Clélio e não da Doutrina Espírita que o harmoniza as ressurreições do filho da viúva de Serepta (1 Rs 17,19-22); o filho da sunamita (2 Rs 4,32-35); o defunto que foi lançado na cova de Eliseu (2 Rs 13,21); a filha de Jairo (Mc 5,21-23; 35-43); o filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17); Lázaro (Jo 11,1-46); Dorcas (At 9,36-43), em consonância com a ocorrência da letargia, catalepsia, ou ainda a EQM (Experiência Quase Morte)

que atesta uma morte aparente e não definitiva nos moldes científicos atuais que os antigos desconheciam e que Jesus não tinha recursos de explicar em que estado estavam, a exemplo de Lázaro, dizendo o Mestre que apenas “dormem”. Corrigidos tais pontos muito relevantes em nossa abordagem, passemos, porquanto ao item seguinte da abordagem do Clélio.

Mesmo com todo esse aparato teórico para tornar seu ponto de vista em realidade irrecusável, alegando ser a reencarnação, ou as múltiplas existências humanas um princípio verdadeiro provindo da Concordância dos Espíritos Elevados, (como o apóstolo Paulo, João Evangelista, o católico Santo Agostinho, e muitos outros personagens bíblicos que, segundo Kardec, são Espíritos de Luz, ou vozes do Céu), os próprios escritos espíritas mostram que essa proposta não encontra entre os supostos espíritos a Concordância que caracteriza e fidedigniza a reencarnação como verdadeira, ou seja, este princípio não goza de credibilidade total nem pelos(supostos) Espíritos Vozes do Céu. Isto é comprovado no livro espírita: *Cristianismo e Espiritismo*, de autoria de Léon Denis, discípulo de Kardec.

**“Tem-se feito dessa uma arma contra o Espiritismo, porque certos Espíritos, em países anglo-saxônicos, parecem negar a reencarnação das almas na Terra”. ( página 212)**

Já chegando a sua conclusão, o Clélio nos convida a uma reflexão que as vozes do céu, tal como exarada nas obras da Codificação, por espíritos de escol, não refletem um padrão fiel ao ensino de Deus como uma lei inerente a todos os seres humanos, que através do processo reencarnatório registra a sabedoria divina em dar a cada um segundo suas obras. Não satisfeito, recorre a Léon Denis, mais precisamente em sua obra *Cristianismo e Espiritismo*, o que iremos buscar nela, sem cortes, o entendimento de Denis e logo em seguida nossos comentários dentro do contexto em lide. Vejamos:

Não podemos, todavia, calar as inúmeras objeções que se levantaram contra a doutrina dos Espíritos. Malgrado ao caráter imponente da nova revelação, muitos nela não viram mais que um sistema, uma teoria especulativa. Mesmo entre os que admitiam a realidade dos fenômenos, houve quem acusasse os espíritas de haver edificado sobre tais fatos uma doutrina prematura, assim restringindo o caráter positivo do moderno espiritualismo.

Os que empregam essa linguagem, não compreenderam a verdadeira natureza do Espiritismo. Este não é, como pretendem, uma doutrina previamente elaborada e menos ainda uma teoria preconcebida; é apenas a consequência lógica dos fatos, o seu complemento necessário.

Há meio século, as comunicações estabelecidas com o mundo invisível não tem cessado de nos fornecer indicações, tão numerosas quão positivas, sobre as condições da vida nesse mundo. Os Espíritos, nas mensagens que nos dão em abundância, mediante, quer a escrita automática, quer os ditados tipológicos, ou, ainda, no curso de palestras entretidas por via de incorporação; por todos os meios enfim ao seu alcance; os Espíritos, repetimo-lo, de todas as categorias, fazem descrições muito circunstanciadas do seu modo de existência depois da morte. Descrevem as impressões ou alegrias que experimentaram, conforme a sua norma de vida na Terra. De todas essas descrições, comparadas, cotejadas entre si, resulta um conhecimento muito claro da vida futura e das leis que a regem.

As Inteligências superiores, em suas relações mediúnicas com os homens, vem completar essas indicações. Confirmam os ensinamentos ministrados pelos Espíritos menos adiantados; elevando-se a maior altura, expõem o seu modo de ver, as suas opiniões sobre todos os grandes problemas da vida e da morte, a

evolução geral dos seres, as leis superiores do Universo. Todas essas revelações concordam e se unem para constituir uma filosofia admirável.

Acreditaram descobrir certas divergências de opiniões no ensino dos Espíritos; mas essas divergências são muito mais aparentes que reais. Consistem, as mais das vezes, na forma, na expressão das ideias e não afetam a própria essência do assunto. Elas se dissipam a luz de um amadurecido exame. Disso temos um exemplo no que se refere a doutrina das sucessivas reencarnações da alma.

**Tem-se feito dessa questão uma arma contra o Espiritismo, porque certos Espíritos, em países anglo-saxônicos, parecem negar a reencarnação das almas na Terra.** Notaremos que, em toda parte, os Espíritos afirmam o princípio das existências sucessivas, com esta única reserva, no meio muito circunscrito, de que falamos, de que a reencarnação se efetua, não na Terra, mas noutros mundos. Não há nisso, pois, senão uma diferença de lugar; o princípio permanece intacto.

Se os Espíritos, em alguns países eivados de tenazes preconceitos, entenderam dever passar em silêncio, ao começo, alguns pontos do seu ensino, não era isso, como eles mesmos o reconheceram, para contemporizar com certos preconceitos de raça ou de cor? O que bastaria para o provar e o número dos espiritualistas antireencarnacionistas, na América como na Inglaterra, a diminuir dia a dia, ao passo que o dos partidários da reencarnação não tem cessado de aumentar.

Os Espíritos que se manifestam, objeta-se ainda, não são todos de ordem elevada. Alguns patenteiam opiniões muito restritas, conhecimentos muito imperfeitos acerca de todas as coisas. Outros se mostram ainda imbuídos dos preconceitos terrestres, suas concepções apresentam o reflexo dos meios em que viveram aqui na Terra.

A morte não nos muda em quase nada, como dissemos<sup>(125)</sup>. Não se opera, em nossa infinita trajetória, transformação alguma brusca. É lentamente, na sequência de numerosas existências, que o Espírito se liberta de suas paixões, de seus erros e fraquezas, e ascende para a sabedoria e para a luz.

Desse estado de coisas resulta, necessariamente, uma grande variedade, uma extrema diversidade de situações entre os invisíveis. As comunicações dos habitantes do espaço, como os seus autores, são de valor muito desigual e sujeitas a verificação. Devem ser joeiradas pela razão e pelo bom senso.

Por isso, o moderno espiritualismo não dogmatiza nem se imobiliza. Não alimenta pretensão alguma a infalibilidade. Posto que superior aos que o precederam, o ensino espírita é progressivo como os próprios Espíritos. Ele se desenvolve e completa a medida que, com a experiência, se efetua o progresso nas duas humanidades, a da Terra e a do espaço – humanidades que se penetram mutuamente e das quais cada um de vos deve, alternativamente, fazer parte.

Os princípios do moderno espiritualismo foram expostos, estabelecidos, fixados por numerosos documentos, que emanavam das mais diversas fontes mediúnicas e apresentavam entre si perfeita concordância. Allan Kardec e, depois dele, todos os escritores espíritas, aplicaram-se a um longo e minucioso exame das comunicações de além-túmulo. Foi reunindo, coordenando o que estes tinham de comum, que eles acumularam os elementos de um ensino racional, que fornece satisfatória explicação de todos os problemas insolúveis antes dele. Esse ensino, além de tudo, é sempre verificável, pois que a fonte donde emana é inesgotável. A comunicação estabelecida entre os homens e os Espíritos é permanente e universal; ela se acentuara cada vez mais com os progressos da Humanidade.

Se é verdade que são numerosos, em torno de nós, os Espíritos tenebrosos e atrasados, é preciso não esquecer que as almas elevadas, descidas das esferas de luz, também vem trazer a Terra esses sublimes ensinamentos, que, uma vez ouvidos, nunca mais esquecemos. Ninguém se poderia eximir a sua influência. Todos os que tem tido a fortuna de ouvir as suas instruções, conservam por muito tempo a sua lembrança e impressão. É fácil compreender que a sua linguagem não é deste mundo, vem de regiões mais altas.

A esses radiantes Espíritos se associam, as vezes, as almas dos nossos parentes, dos que amamos neste mundo e a cuja sorte não podemos ficar indiferentes. Desde que aos nossos olhos se evidencia a identidade desses seres, tão caros para nós; desde que a sua personalidade se afirma por mil modos, não se nos desperta uma necessidade imperiosa de conhecer as condições de sua nova vida?

Como permanecer indiferentes, insensíveis a voz dos que nos embalaram, dos que, em seus braços nos acalentaram, foram a nossa carne e o nosso sangue? Esse afeto que nos une aos nossos mortos, esse sentimento que nos eleva acima da poeira terrestre e nos distingue do animal, não nos impõe o dever de piedosamente recolher, examinar e propagar tudo o que eles nos revelam relativamente a esses graves problemas do destino, suspensos há tantos séculos por sobre o pensamento humano?

Os que não querem ver no moderno espiritualismo senão o lado experimental, o fato físico, que desdenham as suas consequências, não preferem a casca a polpa da noz, a encadernação ao conteúdo do livro? Não desprezam o sábio conselho de Rabelais: "Parti o osso e sugai a medula"? E realmente uma substância fortificante esse ensino; cura-nos do terror da morte, apercebe-nos para as lutas fecundas, para a conquista das elevadas culminâncias intelectuais.

O Espiritismo tem um lado inteiramente científico; repousa sobre provas palpáveis, sobre fatos incontestáveis, mas são principalmente as suas consequências morais que interessam a grande maioria dos homens. A experimentação, a minuciosa análise dos fatos, não está ao alcance de todos. Quando mesmo não faltasse o tempo, seriam precisos os agentes, os meios de ação e de verificação. Os pequeninos, os humildes, os que constituem a massa popular, nem sempre dispõem do necessário para o estudo dos fenômenos, e são precisamente esses os que tem maior necessidade de conhecer todos os seus resultados, todo o seu alcance. (DENIS, 1987, p. 246-251, grifo nosso)

A partir deste enfoque de Denis, em sua obra já citada de forma completa, percebemos que o Clélio, em seus argumentos, exarados na pequena citação de Denis que há espíritos que não acreditam na reencarnação em suas comunicações, leva os seus leitores a julgarem a parte como para o todo, o que não desabonaria a crença na reencarnação a toda a parte ignorada de espíritos que refletem o corpo de mensagens que atestam na reencarnação. O que de fato Denis complementa o trecho seguinte omitido pelo Clélio, que ao nosso ver fecha o raciocínio da seguinte forma: *Notaremos que, em toda parte, os Espíritos afirmam o princípio das existências sucessivas, com esta única reserva, **no meio muito circunscrito, de que falamos, de que a reencarnação se efetuará, não na Terra, mas noutros mundos. Não há nisso, pois, senão uma diferença de lugar; o princípio permanece intacto.*** Como pudemos perceber, Clélio de forma bem habilidosa em seu texto não cita o parágrafo completo e os espíritos manifestantes na região anglo-saxônica creem na reencarnação e até a divulgam, mas que observam se efetuarem em outros orbes, não na Terra. Para o leitor atento, vale a nossa observação em correção ao Clélio, que de má-fé omitiu a parte importante do texto que desenvolvemos. Vamos agora analisar a conclusão do texto. Vejamos:

Conclui-se ser a reencarnação espírita uma utopia, e que a verdadeira reencarnação aconteceu mesmo foi com Lázaro onde sua carne em estado total de putrefação, atendeu ao chamado de Jesus Cristo e cada célula retomou seu lugar de origem atendendo ao intento de Jesus Cristo. Esta sim é realmente a Verdadeira reencarnação.

**Clélio Pedrosa, é membro da Assembléia de Deus em Águas Compridas, Olinda-PE**

Toda a abordagem do Clélio nos trouxe a uma conclusão bem inusitada, pois ele desfecha seu raciocínio de forma interessante, pois alega que a verdadeira

reencarnação ocorreu a Lázaro, o que os fatos denotam ser impossível nos moldes conceituais da etimologia e lei da reencarnação, tal como uma lei natural (Jo 3,12), o que nos levou a uma análise pormenorizada de Jo 3,1-16 que se trata da reencarnação, mas àqueles que quiserem aprofundar no assunto, recomendamos o texto "[O Diálogo entre Jesus e Nicodemos](#)".

Por fim, entendemos que a verdadeira reencarnação não é a que se processou com Lázaro, mas sim a que ocorreu com Elias em João Batista. Esta, sim, foi a verdadeira reencarnação prevista pelos judeus no Tanah e confirmada por Jesus nos Evangelhos, como bem demonstramos, diante das fontes e estudos paralelos à nossa resposta, visando levar o esclarecimento não somente ao Clélio, mas também a todos os leitores que são, ou não seu público alvo! Constatamos, porquanto, que o fenômeno ocorrido com Lázaro foi o da ressurreição de um estado letárgico, tal como discursamos, não cabendo às células voltarem a agregar ao seu corpo, segundo o entendimento utópico do Clélio, pois assim feriria uma determinação Bíblia, de que "aos homens está ordenado morrerem uma só vez" (Hb, 9,27) e não duas ou mais vezes em uma única vida.

Thiago Toscano Ferrari  
Fevereiro / 2014

---

**Fontes bibliográficas:**

*Bíblia de Jerusalém*, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.  
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Rio de Janeiro: FEB, 1996.  
KARDEC, A. *A Gênese*, Rio de Janeiro: FEB, 1995.  
DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*. 8ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

Textos sugeridos:

"[A Torá e a Reencarnação](#)" e "[O Diálogo entre Jesus e Nicodemos](#)".